

VERSÕES LACANIANAS DO AMOR ANALÍTICO

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise - AMP, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise EBP/Rio, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

Resumo: Neste artigo espero poder explicar porque, para prosseguir na via da psicanálise nos dias de hoje, é preciso saber se servir da disjunção entre o real sem lei da pulsão, e o objeto a. O lugar mais apropriado para o analista no último ensino de Lacan, como eu gostaria de avançar, talvez seja o do real sem lei. O psicanalista, se o tomamos com um parceiro sinthoma suplementar, tem a potência do conceito do Nome do Pai, que no último ensino de Lacan, não é um mero operador simbólico. Ele é um sinthoma real e enoda os três registros. Também o inconsciente é real, uma vez que não é a psicanálise que é um sinthoma e sim o psicanalista.

Palavras-chave: amor de transferência, real, inconsciente, sinthoma

Abstract: In this paper, I would like to explain why psychoanalysis, today, must take for granted the difference between the lawless real and the object a, if she wants to go in her own way. The appropriated place for the analyst in the latest lacanian teaching - that's what I want to develop - is the one of the lawless real. If we conceive the psychoanalyst as an additional sinthom-partner, he becomes as powerful as the concept of the Name of the father in the last lacanian teaching, that is no more reduced to a simple symbolic mechanism. He is a real sinthom and it put together the three registers. The unconscious is also real, because psychoanalysis is not herself a sinthom, but the psychoanalyst is.

Key-words: transference-love, real, unconscious, sinthom

O lugar do analista e a histeria

Como se pratica a psicanálise, depois do último ensino de Lacan? A clínica psicanalítica fundou-se sobre a descoberta freudiana dos poderes do amor de transferência, que florescia espontaneamente durante o tratamento da histeria. A cura pelo amor, logo se mostrou também o principal obstáculo que cerceava os esforços de médicos principiantes. O desenvolvimento da hipótese do inconsciente permitiu à Freud enfrentá-lo, reconhecendo seu caráter de repetição de antigos laços emocionais recalçados e nunca dissolvidos. Da boca das histéricas, brotaram as verdades mais essenciais da psicanálise que ainda orientam seu progresso. Acredito que se trata de examinar como é que, como analistas, aprendemos a acolher, interpretar e superar a histeria. Podemos abordar esse ponto destacando as versões lacanianas do amor analítico, acreditando que elas avançam pontos de vista distintos sobre a natureza desse fenômeno psicopatológico e sobre como tratá-lo.

As versões lacanianas do amor analítico e o último ensino

O retorno de Lacan à Freud, conferiu uma nova dimensão a esse amor de transferência, redefinindo sua verdadeira natureza: a de uma questão estruturante do sujeito (*che vuoi?*) endereçada ao “sujeito suposto saber”. No lugar de uma fixação extemporânea às imagos infantís, Lacan vai tomá-lo como uma estrutura fundante do sujeito, o desejo do Outro, que decorre da falta de objeto natural da pulsão. Esse lugar foi formalizado novamente, depois dos anos 60, como aquele do objeto a, objeto do gozo. Se o sujeito em análise deseja saber sobre o desejo, e supõe esse saber ao analista, é porque ele goza com a verdade. O gozo com a verdade, o gozo com a estrutura de ficção do inconsciente, alimenta a demanda de análise. O gozo com a ficção alimenta também o desvario contemporâneo da caça ao mais de gozar, que a ficção de um sujeito barrado - vazio de identificação - encontra ao deslocar-se na busca infinita de ser sempre outro de si mesmo. Como se deve analisar o sujeito que ama a verdade, que sonha e que goza em vestir-se e despir-se das identificações mutantes e precárias? O discurso do analista histeriza, quando opera colocando o objeto a em posição de agente, fomentando a

queda das identificações. Esse efeito não é, portanto, diferente daquele que a sociedade contemporânea, que elevou o objeto a ao zênite da civilização, impulsiona¹. Um sujeito desidentificado, pode ser o efeito tanto da prática analítica quanto do empuxo contemporâneo à caça ao mais de gozar.

Neste artigo, espero poder explicar porque, para prosseguir na via da psicanálise nos dias de hoje, é preciso saber se servir da disjunção entre o real sem lei da pulsão, e o objeto a. O lugar mais apropriado para o analista, eu gostaria de avançar alguma coisa sobre isso, talvez seja o do real sem lei. O psicanalista, se o tomamos com uma parceiro sinthoma suplementar, tem a potência do conceito do Nome do Pai, que no último ensino de Lacan, não é um mero operador simbólico. Um pai é sempre encarnado, e na medida que toma uma mulher como objeto causa do seu desejo, confere peso sexual às palavras. Ele é real e enoda os três registros. Para compreender esse ponto, preciso rebaixar o sinthoma, tradicionalmente concebido como simbólico, homologando-o ao real. O sinthoma foi primeiro formulado como um quarto nó suplementar ao três outros (RSI) que são originariamente disjuntos. Ao final do seminário ele diz: “le réel apporte l’élément qui peut les faire tenir ensemble²”, e ele o reconduz ao real: “Le réel, étant dépourvu du sens, je ne suis pas sûr que le sens de ce réel ne pourrait pas s’éclairer d’être tenu par rien de moins qu’un sinthome”.³ O passo seguinte, como JAM vem avançando em seu curso deste ano⁴, é o de afirmar que o inconsciente é real. Qual é a novidade de tomá-lo como real? É a de esclarecer outra afirmação de Lacan, a de que o psicanalista é que é um sinthoma, e não a psicanálise⁵.

No último ensino de Lacan, os registros do real, do imaginário e do simbólico devem ser tomados como peças avulsas. Como não há Outro do Outro, o Outro não existe senão por meio de suas encarnações. Segue-se que podemos prescindir do nome do pai que é Deus, pois ele é desnecessário. De acordo com Miller, é suficiente saber se servir de um Outro que opere a

¹ Miller, J. A “Uma fantasia” in: Opção Lacaniana, número 42, Ed. Eólia, SP, pags 7-18, 2005

² “O real traz o elemento que pode fazê-los se manterem juntos “ Lacan, J. (1975/76) Le Seminaire XXIII, Le Sinthome, Seuil, Paris, 2005 pag. 132

³ “O real, sendo desprovido de sentido, não estou certo de que o sentido desse real não poderia esclarecer-se ao ser tomado por nada menos que um sinthoma”. Lacan, J. (2005) op. cit., pag. 135

⁴ Miller, J. A . Cours numero 5, aula do dia 13/12/2006

⁵ Coelho dos Santos, T. O psicanalista é um sinthoam, in: Latusa número 11, EBP/ RJ., 2006 pags. 57-73

embreagem mínima do inconsciente de Um ao inconsciente do Outro, isto é, a articulação entre S1 e S2, produzindo uma realidade bem sucedida, para que então possamos franquear o abismo da disjunção entre simbólico e imaginário. Franquear esse abismo demanda apenas um ato de fé. Reproduzo sua conclusão: “En revanche, si on peut s’en passer du Nom de père, il semble qu’on ne puisse pas s’en passer de l’analyste.”⁶

Penso que essa abordagem renova a potência do amor de transferência, uma vez que o lugar do analista, desse ponto de vista, é homólogo ao do Nome de um Pai encarnado, do *sinthoma* ou do inconsciente enquanto real. O lugar do analista não remete a nada que seja prévio, pois não há inconsciente transindividual nem coletivo, nem nenhum sujeito suposto saber, nem nenhum objeto genérico que causaria o desejo. O lugar do analista é sempre inédito, pois não é a psicanálise – sua teoria ou sua práxis – que é um *sinthoma*, e sim o psicanalista⁷. Defini-lo desse novo modo, eu suponho que nos exige ir além de uma ética do desejo, em direção a uma ética da responsabilidade pela solidão do inconsciente de cada um. Implica tomar cada ato de fala como essencialmente sem Outro, como um forçamento de um inconsciente particular, que pode esperar converter-se em um dizer se ele consegue se enganar no inconsciente de alguém.

O amor e o real do sexo na histeria

Em minha aplicação desse ensino à clínica, tenho aprendido a considerar de modo muito mais vivificante o peso do Outro particular de cada sujeito na localização do seu gozo. O Nome do Pai, que no começo do ensino de Lacan nos foi apresentado como um operador simbólico, uma metáfora, é retomado ao final de seu ensino em sua particularidade extrema, a do pai de cada um. Esse pai, que não é um pai qualquer, anônimo, genérico, para todos, um simples mecanismo, é um modelo da função e a encarna ao seu modo que é único. Como avança Éric Laurent⁸, se é pai (*épater* - espantar, surpreender), ao desviar da norma. Por isso o

⁶ “ Em contrapartida, se podemos prescindir do Nome do Pai, não podemos prescindir do analista”. Miller, J. A . idem, aula do dia 13/12/2006

⁷ Lacan, J. (2005) op. cit. pag. 135

⁸ Laurent, E. De Tel Aviv à Rome, in Quarto Revue de Psychanalyse, numero 87 , Belgique, junho 2006, pags.19-25 traduzido e publicado em asephallus numero 3, Revista do Nucleo Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com

Outro é sempre um outro localizado. Ao analista cabe a tarefa de recriar seu poder de surpreender e de envolver o sujeito na experiência analítica. Vale lembrar que o valor do amor de transferência é real, não se reduz apenas ao de um “fechamento da realidade sexual do inconsciente”:

“A transferência não é, por sua própria natureza, a sombra de alguma coisa que foi vivida anteriormente. Bem ao contrário, o sujeito enquanto sujeito ao desejo do analista, é desejo de enganá-lo dessa sujeição, em se fazendo amar por ele, ele próprio lhe oferece essa falsidade essencial que é o amor. O efeito da transferência, é este efeito de engano enquanto ele se repete aqui e agora (...) Ele é o isolamento no presente de seu funcionamento puro de engano. Eis porque, atrás do amor dito de transferência, nós podemos dizer o que é que há, é a afirmação do laço do desejo do analista ao desejo do paciente.”⁹

Essa orientação no sentido de conferir consistência e peso sexual às relações amorosas, inclusive à relação do analisando ao seu analista, contraria a tendência das nossas sociedades individualistas e democráticas à uma despersonalização generalizada do Outro. Vivemos o tempo de S2 (o saber) em posição de agente¹⁰. Acredito que, como Miller sublinhou recentemente, há uma tendência na cultura ao esvaziamento do peso das relações dissimétricas¹¹. Em apoio a essa perspectiva, trago duas pontuações de Lacan: a) “o pai é aquele que confere peso sexual às palavras.”¹² b) “ (...) nesse sentido, em que responsabilidade quer dizer não-resposta ou resposta lateral, não há responsabilidade senão sexual, coisa que todo mundo pressente”¹³. Essa abordagem da ética, tal como Freud já havia antecipado, gravita em torno do fato de que “o pai é o primeiro a se amar nesse mundo.”¹⁴ Lacan intervém nessa fórmula freudiana, reduzindo a lei do pai à lei do amor¹⁵. É a consequência extraída de uma

⁹ Lacan, J. (1963/64) *Le Seminaire Livre IX*, Paris, Seuil, 1973, pag. 228 (tradução da autora)

¹⁰ Coelho dos Santos, “A prática lacanaiana na civilização sem bússola”, in: *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*, Ed. Contracapa, RJ, 2005, pags. 61-91

¹¹ Miller, Religion, *Psychanalyse in: La Cause Freudienne* numero 55, Navarin, Paris, 2003, pag.: 7-28

¹² Lacan, J. (1975/76) *Le Seminaire XXIII*, Le Sinthome, Paris, Seuil, 2005

¹³ Lacan, J. (1975/76) 2005 pag. 64

¹⁴ Freud, S (1933) . “A questão de uma Weltanschauung da ciência”. in: *ESB*, volume , Imago Editores, RJ., 1972 pag. 198-199

¹⁵ Lacan, J. O seminário XXII: *RSI (1974/75)* aula de 21 de janeiro, Inédito.

outra afirmação freudiana, a de que o desamparo é a fonte de todos os motivos morais.¹⁶ Um pai transmite a castração que humaniza, quando seu desejo é père -(pai)-versamente¹⁷ orientado para uma mulher como causa. A lei do amor de um homem por uma mulher ensina o que fazer com a angústia do desamparo originário. Penso que o amor do pai é esse nó entre a lei, o desejo e o gozo que Lacan retoma em sua nova formalização da constituição do ser falante em 1975/76¹⁸. A relação sexual não existe, o ser falante é desamparado, desaparelhado para localizar sua angústia. Entretanto, quando não há equivalência entre os sexos, haverá *sinthoma*, isto é amor! A lei do amor entre os sexualmente diferentes, comanda a ética da responsabilidade pela solidão essencial de cada um.¹⁹

Desse ponto de vista a clínica psicanalítica, como Miller veio a desenvolver, privilegia a relação de cada um ao parceiro-*sinthoma*.²⁰ Meu interesse nesse tema é o de extrair as conseqüências dessa passagem do desejo à responsabilidade pela solidão do inconsciente, ou do sentido ao dizer. O inconsciente-transferência que tem uma afinidade de estrutura com o funcionamento do sujeito histórico, e com o discurso analítico. O sujeito histórico deixa o sentido em aberto, relança permanentemente sua questão, seu sintoma alimenta-se do enigma e da decifração do inconsciente. A relação a um analista lhe serve para dividir-se, evitando o encontro com o parceiro sexual. Não lhe é possível amar e ser feliz ao mesmo tempo. Na posição histórica desejo e pulsão não convergem, divergem. Esta impossibilidade lhe serve de *álibi*, pois lhe exige interrogar, questionar, rebelar-se infinitamente contra as limitações do parceiro. Na vida erótica das mulheres, freqüentemente o homem que ela deseja não é aquele que a escolhe. Segue-se que, aquele que a faz feliz não é aquele que ela ama. Essa divisão parece desdobrar aquilo que a lógica da sexuação do lado feminino formaliza. O feminino reparte-se em duas vertentes: sexualidade feminina (*Weiblichsexualität*) e a feminilidade

¹⁶ Cf. Fr3ud, S. [1895 (1950)] Projeto de uma psicologia científica para neurologistas, In: ESB, volume I, Imago, RJ, 1972, pags. 381-511

¹⁷ Lacan, J. O Seminário 22(1974/75) RSI, aula de 21 de janeiro de 1975. Inédito

¹⁸ “O complexo de Édipo é enquanto tal um sintoma. É na medida em que Nome do Pai é também o Pai do Nome que tudo se sustenta, o que não torna menos necessário o sintoma.” Lacan, J. (2005) op. cit. pag. 22

¹⁹ idem, pag. 101

²⁰ Miller, J. A Un répartiroire sexuel, in: La Cause Freudienne, numero 34, Paris Navarin, 1998, pags 7-28

(Weiblichkeit)²¹. A primeira requer que ela localize o falo no corpo do homem. Ele é aquele que tem e pode dar. Esse homem, se ele a escolhe, fixa a mulher na posição de objeto causa do desejo dele. Quando um homem encontra numa mulher o objeto do seu fantasma, geralmente ele emudece. Esse gozo silencioso não se coaduna com a outra vertente do feminino, a feminilidade romântica. As mulheres esperam do seu parceiro, palavras de amor. À falta desse ingrediente indispensável em suas vidas amorosas, vão tentar encontrá-lo graças a uma série de artifícios. As mulheres evitam histericamente, o encontro com a diferença irreduzível entre o modo masculino e feminino de amar.

Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de “Myrna escreve”, respondeu uma centena de cartas numa espécie de correio sentimental. Com argúcia, ele retrata a mulher para quem “o homem brilha pela sua ausência”. Invertendo a conhecida máxima, eu diria que um sintoma típico, se escreve conforme se segue: *quanto mais longe dos olhos, mais perto do coração*. Nelson Rodrigues, conhecido pela sua perspicácia em captar as sutilezas do amor e do desejo, esclarece porque não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo. Uma leitora descreve assim seu artifício: “Acontece comigo uma coisa interessante. Brigo muito com o Adalberto. E só acho, verdadeiramente graça nele na sua ausência”²².

De perto, dizem muitas mulheres, todos os homens são muito chatos! Assim:

“Não posso achar a mínima graça na sua presença, porque ele é desinteressante. Tenho dois caminhos: ou deixar as coisas como estão, ou romper com ele. Mas romper não resolve nada. Porque deixo um cidadão sem encanto, e vou achar outro, nas mesmas condições (salvo a hipótese, improvável, de uma descoberta sensacional). Que faço eu? Se a presença do meu amado não me empolga, nem nada, apelo para sua ausência. Recurso infalível! Sob sua presença, eu o vejo como ele é, na realidade. Quero dizer limitado, sem espírito, sem inteligência e às vezes feíssimo. Já na ausência tudo muda. Vejo-o, não como ele é, mas como eu quero, pois o que funciona é minha

²¹ Freud tratou disso em seu texto de 1933 (1932), A Feminilidade e Lacan formalizou essa brilhante intuição no Seminário XX, parte VII, em suas fórmulas da sexuação.

²² Rodrigues, N. Myrna, Companhia das letras, SP, 2002 pag. 26

livre e criadora imaginação. Componho, para mim mesma, para meu regalo especial, a imagem de um homem fabuloso, que nada tem a ver com meu amado: ou por outra, é meu amado, mas exaltado, transfigurado, superafeiçoado. Eis porque, na maioria dos casos, os homens ganham com a ausência.”²³

Para toda mulher, o homem é sempre “um tanto limitado”. É um erro de perspectiva próprio ao sujeito histórico abordar a dita “limitação” - que enraíza-se no modo masculino de lidar com o gozo - como o efeito da carência de algum atributo ou talento. A não-equivalência entre os sexos, e a conseqüente dissimetria e desproporção entre o gozo masculino e feminino, são um combustível inesgotável da guerra entre os sexos. Para a maioria expressiva dos indivíduos do sexo masculino, as mulheres são excessivas, caprichosas, encharcadas de fantasias românticas e ciúmes delirantes. Apegam-se, com uma aderência impressionante, a diversas práticas de gosto discutível tais como: o hábito insano de “discutir a relação”. Suspeitam que sob as menores desatenções, paira o espectro temido do “fim da relação”. Quero crer que o gosto pelo conflito, pela suspeita e pelo ciúme, são diferentes artifícios que uma mulher inventa para manter aberto o intervalo entre o desejo e o gozo, sem o quê o amor feminino histórico não sobrevive.

O fantasma masculino, que Lacan formalizou, $\$ \leftrightarrow a$, sugere que o homem tem mais certeza daquilo com que goza. A père-(pai)versão, do lado masculino, parece transmitir de modo mais eficiente a castração.²⁴ A promessa de um gozo ilimitado, padece de saída de um encontro decidido com a impossibilidade. Quanto às mulheres, parecem mais susceptíveis a permanecerem habitadas pelo desejo da mãe. Afetadas pelo imenso investimento do narcisismo, declinam com muita dificuldade da esperança numa relação amorosa plena. Graças à insistência do real da não coincidência entre o gozo feminino e masculino, elas precisam inventar artifícios para manter em aberto a possibilidade do reencontro no horizonte infinitamente adiado, de um amor sem limites.

²³ Rodrigues, N. 2002, op. cit., pag. 27

²⁴ Santiago, J. “A ética do solteirão” in: aSEPHallus número 2, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com.br/asephallus

Como um ato de fala devém um dizer?

A questão que eu queria levantar repousa justamente sobre esse ponto. Como a intervenção do analista pode operar para contrariar essa tendência? Será a não-resposta do analista à demanda excessiva de amor, o melhor caminho? Ou será que o surpreende, espanta, desvia do que o sujeito histérico espera, é justamente a oferta generosa dos signos, das palavras de amor?

Penso que o testemunho de passe de Veronique Mariage pretende ensinar alguma coisa inédita sobre o desejo do seu analista. Embora, em nenhum momento ela explicita abertamente esse aspecto, podemos facilmente ressaltá-lo nos seus relatos. Ela exemplifica alguns dos usos que seu analista fez do peso do amor de transferência na sua vertente real, qual seja, de uma experiência inédita, surpreendente, da relação amorosa.

Ela entra em análise, uma primeira vez, envolvida numa relação amorosa sem esperança com um homem casado. Ela conclui esse primeiro ciclo, abandonando essa relação para cuidar de crianças psicóticas junto com seu analista. Uma agorafobia, pânico do vazio, desperta uma vez mais a demanda de análise. Com seu segundo analista ela descobre a dimensão de um amor sem limites, em jogo na relação transferencial. Trago três excertos do seu relato, que são muito didáticos.

A feminilidade, demanda de um amor sem limites, se articula ao objeto oral pelo viés da voz. Ela retoma sua análise mas permanece muda. Suponho que com seu silêncio ela procura levar o analista a falar com ela. Em sua precariedade como sujeito da enunciação, ela não toma corpo senão graças ao objeto voz que o outro lhe dá. Seus sonhos indicam claramente essa posição subjetiva. Ela sonha que está entre colegas. Ela não tem corpo e eles não têm voz. De outra feita, ela sonha com uma criança morta sob uma árvore carregada de pêras, fruto proibido de sua infância. Ela se dirige ao seu pai, mas ele não pode lhe falar porque perdeu a voz. Sem a voz do pai, ela não passa de uma criança morta.

Ela adentra o consultório de seu último analista senta-se, e se cala. Como não sabe o que ele quer dela, não ousa dizer. O desejo do analista intervém acolhendo o real em jogo no silêncio desse amor de transferência.

O analista toma a palavra: - “Então, o que é que você vai abrir hoje?”

A analisanda murmura: - “Eu não tenho nada a lhe dizer”.

O analista suspira:- “Será preciso, realmente, que eu role pelo chão para que você fale comigo?”

A analisanda imagina seu analista rolando no chão, ela ri e lhe diz: “Eu me pergunto porque eu não tenho nada a dizer a você”.

O analista: “É isso, diga que a culpa é minha!”

A analisanda: “Sem dúvida que não se trata disso”

O analista: - “É uma mensagem que você me deixa, é uma mensagem.”²⁵

Ela compreende que seu desejo é o de reduzir o Outro ao nada. Essa afirmação justifica meu ponto de vista. Trata-se da demanda histórica insaciável de amor, que só se sustenta enquanto tal, se o Outro não tem nada para dar. Vejamos como seu analista, com sua resposta real, contraria a expectativa histórica da analisanda, responsabilizando-se pelo gozo solitário em jogo no sintoma dela.

Um certo dia, ela deixa o consultório do analista e vai tomar o trem de volta à sua cidade. Ela não encontra a plataforma número 3, perde o trem e fica diante da plataforma vazia. Confusa e desorientada, ela telefona ao analista e retorna ao seu consultório.

Ele a recebe calorosamente, interpretando seu desejo: - “Então você não pode me deixar?”. O efeito dessa interpretação, do meu ponto de vista, foi despertar nela uma reação de pudor e divisão subjetiva: - “Não é possível! Eu não quero nada disso!”

O efeito que se segue é fulgurante. A angústia e a demanda de amor arrefecem²⁶. Esse recuo se deve, provavelmente, ao efeito da satisfação inesperada. Um S1 encontrou uma articulação mínima ao um S2.

²⁵ Mariage, V. “Déloger l’amour” In: La Cause Freudienne numero 53, Navarin, Paris, 2003 apg. 81

²⁶ Mariage, V. “Quand le transfert fait symptôme”, in: La Cause Freudienne, numero 50, Navarin, Paris, 2002, pag.. 50

A dimensão real desse amor sem limites, em jogo na transferência, esvazia o gozo com o sujeito suposto saber. Ela experimenta, segundo seu relato, um sentimento de inutilidade diante da decifração do inconsciente, nesse período de sua análise. Em contrapartida, uma outra dimensão do gozo instala-se com a queda da transferência ao sujeito suposto saber. Ela se entrega ao gozo da pura presença do analista, que com seu corpo e suas palavras alimentam a demanda amorosa. O analista devém, esse objeto causa de um gozo mortificante, mais além do desejo de saber. Mais uma vez, o analista tal como o príncipe encantado, vem despertar a bela adormecida desse sono profundo. Ele consente em encarnar esse objeto de amor impossível. O desejo do analista alcança mais uma vez despertar o pudor diante da demanda insaciável - com a conseqüente depreciação do Outro que ela envolve - e dividí-la. Ela lhe diz que imagina que a simples presença dele a sustenta na vida e no trabalho. Confessa que chega a pensar que isso poderia durar para sempre, pelo resto da vida.

Ele a surpreende mais uma vez dizendo: - “E porquê não, nós não estamos tão bem juntos?”²⁷

O desejo do analista – nesse caso - faz objeção à neutralidade asséptica da interpretação do sentido inconsciente. Ao acolher a demanda ilimitada de amor, ao não recuar diante do pedido desmesurado de sua analisanda de que “ele fale com ela”, esse analista alcança deslocar o excesso da exigência pulsional. Este analista encarna uma outra versão do pai, diferente daquela que esta analisanda trouxe à análise, cifrada em seus sintoma. Seu pai, lhe dizia: - “o trabalho é a punição do bom Deus, não sou eu que o digo, está escrito”. Ela interpreta essa frase como uma incitação a trabalhar com prazer! Fazer do corpo um instrumento do trabalho, lhe serve para ignorar seu corpo enquanto sexuado, recusando-se à mascarada feminina. Sem corpo, desencarnada, ela é sem voz. Seu analista encarna uma outra père-(pai) –versão, que lhe autoriza a servir-se de sua própria voz.

Como isso se verifica? Ela se apresenta ao cartel do passe pela segunda vez, e consegue desta feita “ser ouvida”, em sua enunciação.

Será que a psicanálise é capaz de inventar uma nova père - (pai)-versão,? Lacan se faz essa pergunta no seminário sobre a ética da psicanálise, lamentando de antemão que a

²⁷ Mariage, V. “Quando c’est écrit!” in: La Cause Freudienne, numero 51, Navarin, Paris, 2002, pag. 37

resposta seja negativa. Esse estranho amor, o desejo do analista, o analista sinthoma, o analista real, não seria ele a encarnação de uma nova père-(pai) -versão? Mais uma vez, se podemos prescindir do nome do pai, parece que não podemos prescindir do amor analítico para que um ato de fala – e gozo solitário do inconsciente que ele inclui - devesse um dizer e encontre o Outro.